

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

Luciele Couto Correia
Manoel Ferreira Gomes
Maria Aparecida da Silva
Maria do Socorro Melo da Silva
Maria Rosa da Silva Soares

**A AVALIAÇÃO ESCRITA NA REDE PÚBLICA:
CONTRIBUIÇÃO À APRENDIZAGEM**

Brasília
2005

Luciele Couto Correia
Manoel Ferreira Gomes
Maria Aparecida da Silva
Maria do Socorro Melo da Silva
Maria Rosa da Silva Soares

A AVALIAÇÃO ESCRITA NA REDE PÚBLICA: CONTRIBUIÇÃO À APRENDIZAGEM

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Pedagogia –
Formação de professores para as Séries
Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto
Professor Nota 10, da Faculdade de
Ciências da Educação-FACE -do Centro
Universitário de Brasília-UniCEUB, como
parte das exigências para conclusão do
Curso.

Orientadora: Dra. Maria Eleusa
Montenegro

Brasília
2005

Dedicamos esta produção, que suscitou estudos e reflexões sobre instrumentos avaliativos no sentido de possibilitar caminhos e mudanças no processo de avaliação dos alunos, aos nossos colegas educadores que buscam atuar de maneira consciente e contínua.

Ao Todo Poderoso, e Soberano do
Universo – Deus.

Aos nossos familiares que nos
apoiam com compreensão e
incentivo.

Aos nossos mestres que
pacientemente nos conduziram na
trilha indicatória dos nossos ideais.

Vencer os desafios no processo de
avaliação é uma conquista para
educadores e educandos.
O Grupo

Resumo

Este trabalho teve como objetivo demonstrar a importância que a avaliação escrita assume como instrumento avaliativo no processo ensino-aprendizagem das escolas públicas do Distrito Federal e como objetivos específicos: conhecer opiniões dos professores sobre avaliação escrita; identificar critérios na elaboração, aplicação e correção da avaliação escrita; colher sugestões para a utilização da avaliação; e analisar exemplos de avaliação escrita. Fundamentou-se numa metodologia qualitativa por estar intimamente articulada com a prática pedagógica dos elaboradores dessa investigação. Os instrumentos utilizados foram: entrevistas com professores que atuam em escolas da rede pública das Regiões Administrativas (Samambaia, Ceilândia e Recanto das Emas), localizadas no Distrito Federal e a análise documental de avaliações escritas dos professores. As categorias utilizadas na entrevista foram: concepção de avaliação escrita para o professor; elaboração da avaliação escrita; utilização da avaliação escrita; satisfação da utilização da avaliação escrita; critérios para correção da avaliação escrita; e sugestões para a avaliação escrita. Para a análise documental foram apresentadas as seguintes categorias: coerência da questão ao conteúdo avaliado; clareza na elaboração das questões; excesso ou não de memorização de datas, fórmulas etc; e estrutura na montagem da avaliação escrita. Os principais resultados encontrados foram que a maioria dos professores vêem a avaliação escrita como um instrumento eficaz e importante no processo avaliativo; no ato da elaboração dessas avaliações observou-se a preocupação com a clareza e a contextualização dos enunciados; observou-se, também, que os professores utilizam a avaliação escrita mais no final do bimestre, para fazer um levantamento do que o aluno conseguiu assimilar quanto ao que foi trabalhado em determinado período. Dos 5 (cinco) professores entrevistados apenas 1(um) demonstrou a insatisfação da avaliação escrita, por esta muitas vezes não atingir verdadeiro significado para o aluno. Quanto aos critérios de correção, o que caracterizou foi a capacidade de interpretação e o raciocínio lógico. Os professores apresentaram sugestões para o uso da avaliação escrita, dentre estas destacam-se: a clareza e questionamentos voltados para o cotidiano do aluno. Quanto ao resultado da análise documental observou-se a falta de clareza nos comandos; coerência ao conteúdo que está sendo avaliado, a memorização ainda se faz muito presente; e a estruturação é construída com um número excessivo de perguntas que tende a desanimar e confundir o aluno. Com essa pesquisa buscou-se direcionar a avaliação escrita como um instrumento que favorece o educador no ato de avaliar, e que apresente resultado de crescimento significativo para o sujeito aprendente.

Palavras-chave: avaliação, prova, avaliação escrita

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. PROBLEMATIZAÇÃO	8
1.2. OBJETIVOS	9
1.2.1. Objetivo Geral	9
1.2.2. Objetivos Específicos	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1. CONCEITO DE AVALIAÇÃO	10
2.2. TIPOS DE AVALIAÇÃO	10
2.3. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO	12
2.4. AVALIAÇÃO ESCRITA	14
2.5. A AVALIAÇÃO NA LEGISLAÇÃO	20
3. METODOLOGIA	21
3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA	21
3.2. CENÁRIO E PARTICIPANTES	21
3.3. INSTRUMENTOS	22
3.3.1. Entrevista	22
3.3.2. Análise Documental	22
3.4. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	23
3.5. CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	23
3.5.1. Categorias	23
3.5.1.1. Entrevista	23
3.5.1.2. Análise Documental	23
3.5.2. Análise e Discussão dos Dados	24
3.5.2.1. Caracterização da Clientela	24
3.5.2.2. Entrevista	24
3.5.2.3. Análise Documental	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	37

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM PROFESSORES.....	38
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL.....	40

1. INTRODUÇÃO

A avaliação é um processo que está presente em todas as práticas na vida do ser humano, seja de forma consciente ou inconsciente. Na área educacional, o ato de avaliar assume papel vital, porque direciona aspectos de progresso na vida do educando, as mudanças de comportamento, indicam a ineficácia no ensino-aprendizagem.

No grupo docente a avaliação da aprendizagem tem sido motivo gerador de conflitos e preocupações, por se tratar de assunto complexo sendo um dos momentos mais difíceis para o educador, demandando uma ação conjunta de todos os que vivenciam a atividade avaliativa.

Nesse sentido, avaliar merece atenção especial, devido aos muitos problemas envolvidos nesta ação pedagógica.

O ato de avaliar ocasiona diversos problemas que surgem a partir de fatores que acabam desvirtuando o verdadeiro sentido educativo. Esses problemas afetam diretamente o aluno, gerando tensão emocional e alterações no comportamento, conduzindo o aluno à expectativas favoráveis ou não, quanto ao resultado à vista do objetivo supremo: passar de ano. Além disso, os critérios fora da realidade, metodologia do professor, rigidez excessiva e as formas de julgar, são fatores que direta ou indiretamente contribuem para o fracasso da aprendizagem. A avaliação precisa ser repensada, no sentido de que não deve priorizar a memorização, e sim, a capacidade individual do aluno.

Esta pesquisa tem por finalidade fazer uma defesa da avaliação escrita como recurso que deve ser utilizado no processo ensino-aprendizagem pelos professores da rede pública do Distrito Federal.

1.1. PROBLEMATIZAÇÃO

Ao escolher o tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, buscou-se avaliar os temas que mais contribuíram para mudanças dos professores, e

percebeu-se que a avaliação foi o que exerceu maior influência, por gerar grandes desafios para os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Por se tratar de um assunto amplo direcionou-se esta pesquisa para a avaliação escrita, pois se acredita que seja um instrumento de grande relevância e que pode apresentar uma contribuição significativa dentro do contexto vivenciado tanto pelo professor quanto para o aluno.

Nesse sentido pergunta-se: Os professores têm percebido a importância da avaliação escrita no processo ensino-aprendizagem? Quais os critérios utilizados pelos professores na elaboração e correção da avaliação escrita?

1.2. OBJETIVOS

As intenções deste trabalho foi defender a importância e o valor da avaliação escrita no processo ensino-aprendizagem.

1.2.1. Objetivo Geral

Demonstrar a importância que a avaliação escrita assume como instrumento avaliativo no processo ensino-aprendizagem das escolas públicas do Distrito Federal.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Conhecer opiniões dos professores sobre avaliação escrita;
- Identificar critérios na elaboração, aplicação e correção da avaliação escrita;
- Colher sugestões para a utilização da avaliação escrita;
- Analisar exemplos de avaliação escrita.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. CONCEITO DE AVALIAÇÃO

O processo de avaliação pode ser encontrado descrito por diferentes autores, que se apóiam em uma postura filosófica numa reflexão particular.

Neste sentido, Tyler afirma que “o processo de avaliação consiste essencialmente em determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelo programa do currículo e do ensino” (1974, p.99).

A avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que essas mudanças de comportamento estão realmente ocorrendo, com esse pensamento, Scriven (1978, p. 127) define que “a avaliação é uma atividade metodológica que consiste na coleta e na combinação de dados relativos ao desempenho, usando um conjunto ponderado de escalas de critérios que leve a classificações comparativas ou numéricas”.

2.2. TIPOS DE AVALIAÇÃO

No âmbito educativo, a avaliação deve ser entendida como atividade crítica de aprendizagem. Sob este enfoque para HAYDT (1997) afirma que a avaliação apresenta três funções determinadas e interdependentes:

Avaliação diagnóstica - É utilizada para constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos imprescindíveis para as novas aprendizagens. Também é utilizada para identificar os desafios encontrados e os caminhos numa tentativa de saná-los.

Avaliação formativa - É basicamente orientadora, pois orienta tanto o estudo do aluno quanto o trabalho do professor. Esse tipo de avaliação pode ser utilizada como um recurso de ensino e como fonte de motivação, tendo efeitos altamente positivos e evitando as tensões que usualmente a avaliação causa, visando um controle de qualidade para que o ensino-aprendizagem alcance resultados tão bons ou melhores que os anteriores.

Avaliação somativa - É realizada ao final de um curso, ou final de uma unidade de ensino com o objetivo de classificar os resultados de aprendizagem alcançados pelos alunos, de acordo com os níveis de aproveitamento estabelecidos (p.18).

A avaliação diagnóstica deve ocorrer em diferentes momentos do processo de aprendizagem. Ocorrendo no início desse processo, segundo Félix (2004, p.78), assume os seguintes sentidos:

Detectar a existência de conhecimentos e comportamentos prévios dos alunos, visando ao alcance dos objetivos formulados; determinar o domínio de certos objetivos, os quais devem possibilitar o ensino de assuntos de nível mais elevado; identificar os alunos de acordo com seus níveis de aprendizagem, interesses, aptidões, traços de personalidade etc; localizar os aspectos que precisam de um esforço inicial para que o aluno possa alcançar os objetivos traçados.

O mesmo autor relata que se ocorrer esse tipo de avaliação ao longo do processo, ele visa identificar as causas das deficiências na aprendizagem do aluno, precisando ser compartilhado pelo mesmo, permitindo-lhe identificar as possibilidades e dificuldades relacionadas a seu processo de aprendizagem. (Ibidem)

Comentando sobre a função da avaliação formativa o referido autor cita que “deve ocorrer durante todo o processo, permitindo que professores e alunos verifiquem como a aprendizagem está realmente ocorrendo”. Neste aspecto, ele afirma:

Fornecer informações precisas ao aluno, mostrando-lhe pontos fracos que deve recuperar em sua aprendizagem; ajudar o aluno a estabelecer seu ritmo de estudo, indicando-lhe se o esforço despendido é suficiente ou se precisa investir mais tempo ou solicitar ajuda; servir de fonte de estímulo para o aluno, informando-o sobre seu sucesso, além das falhas e possibilidades de que ele dispõe para corrigi-las; apontar ao professor aspectos de sua prática que precisam ser mudados ou então mais explorados, quando se mostraram eficientes. (Ibidem)

Nesse sentido, a avaliação formativa deve propiciar a análise dos erros, concebendo-os como reveladores das estratégias elaboradas pelos alunos em sua aprendizagem.

Na visão do autor citado:

A função somativa visa identificar o grau em que os objetivos foram alcançados ao final de um período, bimestre, série o curso. É utilizada, em geral, para classificar os alunos, expressando os resultados de seu rendimento em notas ou conceitos, com finalidade de registro para o histórico escolar, os boletins e o conhecimento dos pais e o responsável pelos alunos (Ibidem, p.79).

Para a avaliação somativa em geral tem sido mais utilizados, conforme Turra et al (1982, p.45), os seguintes instrumentos e recursos:

Provas Orais: Constituem um dos meios mais antigos de avaliação; por muito tempo foram o único instrumento utilizado pelos professores. Sua função principal consiste em medir conhecimentos e habilidades de expressão oral. Provas Escritas: São as chamadas provas de lápis e papel. Surgiram como consequência das dificuldades encontradas pelos professores na aplicação das provas orais aos grupos de alunos, em função do tempo disponível e do elevado número de discentes. Era mais fácil, então, ditar as perguntas ou escrevê-las no quadro-de-giz para que os alunos as respondessem por escrito.

Segundo a forma que se adote, as provas podem classificar-se em: provas de dissertação e provas objetivas:

Dissertação: Chamadas também de ensaio ou composição, consistem no enunciado de um tema ou em uma ou várias perguntas. Exigem uma resposta ampla por parte dos alunos, por meio de frases expressas livremente, de modo que não haja uma resposta única que possa ser considerada como correta. A exatidão e qualidade da mesma deve ser julgada por um especialista na matéria. Objetivas: Consistem numa série de perguntas selecionadas com critérios específicos, às quais o aluno deve responder com um sinal previamente convencionado ou escolhendo a resposta mais correta entre um determinado número de alternativas possíveis. (Idem)

Portanto, essa função preocupa-se com o quanto os alunos aprenderam, classificando os resultados de aprendizagem alcançados, de acordo com os níveis de aproveitamento estabelecidos.

2.3. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO

A avaliação da aprendizagem é considerada de fundamental importância dentro do processo de ensino-aprendizagem. Por isso, segundo Haydt (1997, p.22) “a avaliação deve ser considerada como um dos meios para viabilizar a operacionalização de um ensino contextualizado, mas é preciso estar respaldada em um suporte teórico-científico que lhe dê segurança e confiabilidade” (Ibidem).

O aluno precisa saber em que habilidades está sendo avaliado, conforme afirma ZABALA (1998, p.207): “o sujeito aprendente precisa visualizar o por quê, para quê e como será avaliado. Com essa proposta de ensino interativo, a avaliação do rendimento escolar dará ênfase aos aspectos qualitativos apresentados pelo aluno”.

O referido autor ainda continua enfatizando que a educação é considerada como um processo de socialização, o que implica criar condições de cooperação, troca, intercâmbio entre as pessoas através do estudo coletivo. A ação educativa tem como finalidade alcançar os objetivos estabelecidos. Todo professor estabelece metas para seu trabalho docente. E como ensinar e aprender são processos intimamente relacionados, a avaliação assume uma dimensão orientadora, criando condições para um estudo contínuo e sistemático do aluno (Ibidem).

Se a avaliação permite verificar diretamente o nível de aprendizagem dos alunos, ela permite também, determinar a qualidade do processo de ensino. Nesse sentido, a avaliação fornece dados ao professor para replanejar seu trabalho docente, ajudando-o a melhorar o processo ensino-aprendizagem, conforme descrito no texto a seguir:

A relação entre os resultados da aprendizagem e os procedimentos de ensino é por demais evidente. Quando a classe, durante ou ao final de uma unidade de ensino, é submetida a uma avaliação, e os alunos apresentam respostas que traduzem um bom nível de aproveitamento, o professor tende a concluir que seus procedimentos de ensino foram adequados. Da mesma forma, quando a classe é submetida a uma avaliação e um número elevado de alunos não apresenta um bom desempenho, o professor deve, em primeiro lugar, questionar a eficácia do seu trabalho didático. Como poderá motivar mais seus alunos? Deverá redefinir os conteúdos programáticos? Utilizar procedimentos mais eficazes para introduzir e fixar os conteúdos? Sua linguagem está adequada aos alunos, suas explicações estão sendo devidamente compreendidas? Ele exige apenas informações memorizadas, ou permite que seus alunos descubram novas formas de aplicar as noções aprendidas em situações variadas? Essas perguntas e outras mais o professor pode fazer a si mesmo, na tentativa de repensar o seu trabalho em sala de aula (HAYDT, 1997, p.22)

Nesta abordagem, a autora continua comentando que é preciso repensar certas idéias predominantes sobre o significado da avaliação, aquelas que concebem como prioritário avaliar apenas se os alunos memorizam as regras e

esquemas, não verificando a compreensão dos conceitos, o desenvolvimento de atitudes e procedimentos e a criatividade nas soluções, que, por sua vez, se refletem nas possibilidades de enfrentar situações-problema e resolvê-las. Outra idéia dominante é a que atribui exclusivamente ao desempenho do aluno as causas das dificuldades nas avaliações.

A avaliação é essencialmente uma atividade intersubjetiva e moral que se exerce entre sujeitos. Nesse contexto, Méndez (2002) acrescenta que “não há avaliação sem sujeitos. Ao objetivar o subjetivo, é fácil, mediante a simplificação, antecipar e controlar os resultados”. Para o autor, os testes desempenham funções precisas, com base em uma concepção estática do conhecimento. Porém, reduzem-se os processos cognitivos a meras técnicas de controle com as quais se pode medir aquele resultado. Ficam de fora também os aspectos afetivo, pessoal e social da aprendizagem.

Com essa idéia, o autor menciona que, quando se reconhece (ou se descobre) a incapacidade plena de operar, então opta-se como mal menor por técnicas de avaliação objetivadoras. Assim, a razão estará em reconhecer a incapacidade do sujeito avaliador de operar corretamente. Em meio a esse trabalho técnico, deixou-se de lado a preocupação por uma avaliação justa e essencialmente educativa, orientada por princípios éticos que visem à formação integral dos sujeitos que aprendem (Ibidem).

2.4. AVALIAÇÃO ESCRITA

Uma das preocupações básicas relacionadas à avaliação escrita definida por Méndez (2002, p.116) é:

Quanto aqueles que tradicionalmente pensam a respeito da avaliação a partir do interesse mais técnico, e dedicam-se com afincamento à elaboração de provas objetivas, exames de resposta fechada, que possibilitem e assegurem a mensuração do êxito educativo é descobrir uma fórmula ideal que meça com mais precisão e exatidão a quantidade de conhecimento acumulado. Não se preocupando tanto com o conhecimento assimilado e integrado pelo sujeito que aprende. Também não importando sua capacitação para enfrentar futuras situações imprevistas e imprevisíveis, tarefas para as quais se requer uma inteligência criativa, crítica, prática, com capacidade de antever os riscos da tomada de decisões. Talvez resida nisso uma parcela da força e do atrativo desse modo e entender a avaliação. O professor precisa apenas seguir as normas que lhe são passadas, sem que se sinta obrigado a definir seu próprio pensamento nem a tomar uma posição pessoal diante do conhecimento e diante do sujeito que aprende.

Numa perspectiva crítica de avaliação, o referido autor “questiona-se, se com os recursos técnicos é possível alcançar os objetivos visados pela avaliação e, em sentido mais geral, pela educação”. De acordo com o autor, essa visão interessa não apenas para se ter um aluno bem informado, mas também uma mente bem organizada, que incorpore globalmente outros níveis de formação, que vão do cognitivo ao afetivo, do pessoal ao social, do instrutivo ao educativo, dos valores morais ao interesse pelo pragmático. A educação tem a ver com as relações entre valores, teorias do conhecimento e o poder na avaliação. A simplificação técnica fez com que a avaliação ficasse reduzida ao exame, confundindo instrumento (exame) com a atividade e com o objetivo da avaliação. O autor ainda transmite a idéia de que na atual perspectiva de um currículo para o ensino, novas funções são indicadas à avaliação, na qual se destacam uma dimensão social e uma dimensão pedagógica.

No primeiro caso, o autor atribui à avaliação a função de fornecer aos estudantes informações sobre o desenvolvimento das capacidades e competências que são exigidas socialmente, bem como auxiliar os professores a identificar quais objetivos foram atingidos, com vistas a reconhecer a capacidade dos alunos, para que possam inserir-se no mercado de trabalho e participar da vida sociocultural (Ibidem)

No segundo caso, conforme as idéias do autor, cabe à avaliação a função de fornecer aos professores informações sobre como está ocorrendo a aprendizagem: os conhecimentos adquiridos, os raciocínios desenvolvidos, as crenças, hábitos e valores incorporados, o domínio de certas estratégias, para que ele possa propor revisões e reelaborações de conceitos e procedimentos ainda parcialmente consolidados (Ibidem).

Assim, é fundamental que os resultados expressos pelos instrumentos da avaliação, sejam eles provas, trabalhos registros das atitudes dos alunos, forneçam ao professor informações sobre as competências de cada aluno, em utilizar a linguagem adequadamente para comunicar suas idéias, em desenvolver raciocínios e análises, e em integrar todos esses aspectos no seu conhecimento.

A avaliação é um momento do planejamento integral do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma HAYDT (1997) cita que:

As formas de avaliação devem contemplar também as explicações, justificativas e argumentações orais, uma vez que estas revelam aspectos do raciocínio que muitas vezes não ficam evidentes nas avaliações escritas. Se os conteúdos estão dimensionados em conceitos, procedimentos e atitudes, cada uma dessas dimensões pode ser avaliada por meio de diferentes estratégias. A avaliação de conceitos acontece por meio de atividades voltadas à compreensão de definições, ao estabelecimento de relações, ao reconhecimento de hierarquias, ao estabelecimento de critérios para fazer classificações e também à resolução de situações envolvendo conceitos. A avaliação de procedimentos implica reconhecer como eles são contribuídos e utilizados. A avaliação de atitudes pode ser feita por meio da observação do professor e pela realização de auto-avaliações. O grau de complexidade a ser avaliado é definido por critérios traduzidos em afirmações que precisem o tipo de aprendizagem desejado. É fundamental que na seleção desses critérios se contemple uma visão do todo como uma construção significativa, que se reconheçam para cada conteúdo às oportunidades de conexões promovendo o progresso de um conhecimento flexível com várias possibilidades de aplicações e se inclua a valorização do desenvolvimento do aluno, tornando ele próprio como o referencial de análise, e não exclusivamente sua posição em relação à média de sua classe.

Nesse sentido, a observação do trabalho individual do aluno permite a análise de erros e, na aprendizagem escolar, o erro é inevitável podendo, muitas vezes, ser interpretado como um caminho para buscar o acerto. Quando o aluno ainda não sabe como acertar, faz tentativas, à sua maneira, construindo uma lógica própria para encontrar a solução. Ao procurar identificar, mediante a observação e o diálogo, como o aluno está pensando, o professor obtém as pistas de que ele não está compreendendo e pode planejar a intervenção adequada para auxiliar o aluno a refazer o caminho, segundo a autora (Ibidem).

Na mesma obra, a autora continua transmitindo a idéia de que ao levantar indícios sobre o desempenho dos alunos, o professor deve ter claro o que pretende obter e que uso fará desses indícios. Embora a avaliação esteja intimamente relacionada aos objetivos visados, estes nem sempre se realizam plenamente para todos os alunos. Por isso constroem-se critérios de avaliação com a função de indicarem as expectativas de aprendizagem possíveis de serem desenvolvidas pelos alunos ao final de cada ciclo, com respeito às capacidades

indicadas. A determinação desses critérios deve ser flexível e levar em conta a progressão de desempenho de cada aluno, as características particulares da classe em que o aluno se encontra e as condições em que o processo de ensino e aprendizagem se concretiza. O ato de avaliar fornece dados que permitem verificar diretamente o nível de aprendizagem dos alunos e, também, indiretamente determinar a qualidade do processo de ensino.

Avaliar nesse novo paradigma, segundo a autora “é dinamizar oportunidades de ação e reflexão, num acompanhamento permanente do professor propiciando ao aluno em seu processo de aprendizagem reflexões acerca do mundo, formando indivíduos de opinião e participativos” (Ibidem).

No dia de prova, o professor deve atentar-se para o estado emocional do aluno, pois, segundo Moretto (2003, p.33), “o momento da avaliação é aquele em que as emoções do aluno entram em ebulição. Nele se misturam sentimentos de ansiedade, medo, angústia, alegria e estresse”.

Em termos gerais a avaliação é um processo de coleta e análise de dados, tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram atingidos, sempre respeitando as características individuais e o ambiente em que o educando vive. A avaliação deve ser integral considerando o aluno como um ser total e integrado e não de forma fragmentada.

Na visão de HAYDT (1997), é importante que o professor disponha de um repertório variado de estratégias de avaliação e que reflita sobre o significado de cada uma delas em relação às competências, habilidades, conceitos, procedimentos, atitudes e valores a serem trabalhados. As tradicionais provas escritas ainda deve ser um recurso usado pelo professor, por se tratar de um instrumento utilizado para conhecer de forma mais individual o aluno em seu processo de aprendizagem.

A avaliação escrita tem seu valor desde que sua elaboração seja observado alguns cuidados. Uma vez montada a prova com boa apresentação (sem separação entre enunciado e alternativas, sem erros, satisfatória separação, dos itens etc), essa avaliação deve ser aplicada com instruções bem claras, dadas oralmente ou por escrito.

Outro fator que deve ser levado em conta é a definição dos conteúdos que serão cobrados numa distribuição equilibrada de questões. Outra decisão importante na elaboração e aplicação da avaliação escrita é quanto ao tipo de questão que será feita.

O processo de avaliação é, todo ele, fundamentalmente informador, qualquer que seja o momento de sua aplicação. Entretanto, somente instrumentos bem construídos, capazes de verificar com fidedignidade aquilo que se deseja, permitem que a avaliação cumpra plenamente suas funções.

Sobre esse assunto, segundo JOULLIÉ e REIS (1984) “dentre os instrumentos utilizados no processo de avaliação, os testes construídos pelo professor merecem especial atenção”.

Com a finalidade de verificar o rendimento escolar, as avaliações escritas devem prestar informações precisas, de modo a orientar o trabalho docente adequadamente.

Ainda sobre o aspecto da utilização de testes avaliativos as autoras definem que:

Estes testes devem corresponder realmente a uma amostra daquilo que se pretende avaliar. Uma questão sobre determinado assunto, por exemplo, dará ao professor uma idéia do que o aluno possa saber àquele respeito; duas questões darão uma idéia mais ampla; todo um teste, entretanto, sobre o mesmo assunto, restringe a visão a este único assunto. É preciso que haja dosagem e equilíbrio com relação ao que se deseja avaliar. Com esta finalidade recomenda-se, ao planejar um teste, a construção de uma tabela de especificações, onde são relacionados os comportamentos que serão avaliados (diferentes níveis do domínio cognitivo), bem como os conteúdos programáticos a que se referem. Desta forma, o professor pode distribuir o número de itens proporcionalmente á importância dos diferentes objetivos, de acordo com os níveis em que se localizam. Pode-se optar por diferentes tipos de teste: os objetivos, os subjetivos, ou ainda, os mistos, que incluem ambos os tipos de questões. Em qualquer dos casos, há cuidados que devem ser observados. É importante, inicialmente, que não se misturem conteúdos, evitando que o aluno disperse sua atenção desnecessariamente. Recomenda-se, ainda, agrupar os itens por tipo, o que também favorece a organização do pensamento do aluno e a concentração de sua atenção. (Ibidem. p.132).

As autoras ainda destacam os cuidados na forma de redigir os itens que são muito importantes e, quando não observados, podem representar dificuldades que interferem nas informações que se esperam do teste. Assim, é preciso que as ordens sejam claras e precisas, de modo a comunicar ao aluno exatamente o que

se espera dele. Muitas vezes ocorrem falhas apenas por falta de compreensão dos enunciados que não devem, de forma alguma, apresentar dificuldades extras para o examinando. É importante ter em mente, sempre, o que se deseja realmente verificar, evitando que quaisquer dúvidas ou embaraços venham a prejudicar o desempenho do aluno e, em consequência, ofereçam informações inexatas ou distorcidas (Ibidem).

É necessário mencionar a clareza, a legibilidade com que o teste é apresentado, seja qual for o recurso utilizado para sua impressão.

Um último aspecto a recomendar, no tocante à apresentação, é evitar que um item se inicie numa página e continue na página seguinte. As idas e vindas na leitura que advêm desta situação dispersam, também, a atenção do aluno, sendo-lhe altamente prejudicial (Ibidem).

A avaliação é parte integrante do ensino e da aprendizagem. A respeito da avaliação escrita, MORETTO (2003, p.96) que cita: “se tivermos que elaborar provas, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevante”.

Refletindo sobre avaliação escolar, Ferreira (2004, p.39) afirma que:

Com a freqüência e como o tema vem sendo abordado, notamos que há uma inquietação e uma insatisfação com o que vem ocorrendo no contexto escolar em função dos componentes do processo ensino-aprendizagem (objetivos, conteúdo e metodologia), com reflexo direto no processo de avaliação e quanto aos conflitos e tensões gerados por um processo avaliativo desvirtuado, que incide diretamente sobre o fracasso escolar.

Portanto, no âmbito educativo, a avaliação deve ser entendida como atividade crítica de aprendizagem, porque “[...] o professor aprende para conhecer e para melhorar a prática docente em sua complexidade, bem como para colaborar na aprendizagem do aluno, conhecendo as dificuldades que deve superar, o modo de resolvê-las e as estratégias que coloca em funcionamento” (MENDEZ, 2002; p.14).

2.5. A AVALIAÇÃO NA LEGISLAÇÃO

A avaliação é parte integrante e intrínseca ao processo educacional. Neste contexto, o Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal (2000, p.197) cita que:

O processo de avaliação abrange todas as facetas do ato de educar, entendendo-se por avaliação um processo mais amplo do que a simples aferição de conhecimentos constituídos pelos alunos em um determinado momento de sua trajetória escolar. Deve ser considerado tanto o processo que o aluno desenvolve ao aprender como o produto alcançado.

Este mesmo documento afirma que “a avaliação deve ser estruturada em função dos objetivos definidos no Plano de Ensino do professor”. Continuando, pode-se ler:

Durante a realização das atividades de ensino e de aprendizagem, tanto professor quanto aluno devem dispor de informações precisas acerca das aprendizagens efetivadas ou ainda a serem desenvolvidas viabilizando o aperfeiçoamento do processo pedagógico, que requer uma avaliação voltada para a construção de resultados, em permanente sintonia com os objetivos de ensino, competências, habilidades, atitudes e valores requeridos e, por extensão, com os procedimentos didáticos utilizados.

A ação educativa perpassa todas as invenções de uma forma tradicional que constrói e reconstrói nesta visão. O Art. 2º, Título II da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394 / 96) cita que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com uma reflexão consciente, o educador deve direcionar o ensino-aprendizagem por caminhos que possibilite ao individuo uma vivência digna, sendo respeitado seus direitos e podendo ter plena participação na sociedade.

3. METODOLOGIA

3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa qualitativa é um instrumento que fornece detalhadamente as idéias e determina a importância de certos procedimentos usados pelo sujeito.

Num contexto fundamentado na coleta de dados do cotidiano escolar, a pesquisa desenvolvida está voltada para uma abordagem qualitativa, por estar intimamente articulada com a prática pedagógica do grupo de investigação. Assim, delimitou-se a problemática num campo bastante desafiador da avaliação escrita.

A pesquisa qualitativa busca dados verídicos que valoriza a natureza dos elementos em questão, sem desprezar a opinião do sujeito. Com essa idéia Ferreira (2004, p.68-69) afirma que a pesquisa qualitativa deve ser apresentada “num ambiente natural acompanhado e investigado em situações reais do dia-a-dia escolar, sem manipular, ou estimular os instrumentos a fim de destinar a resultados que beneficiariam a investigação ilusoriamente”.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de entrevista, agendada previamente com os professores para acontecer no horário contrário ao da regência, e no próprio local de trabalho e análise documental.

3.2. CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a realização desse trabalho foram entrevistados cinco professores que atuam em escolas públicas das Regiões Administrativas do Distrito Federal (Samambaia, Recanto das Emas e Ceilândia).

Além disso, foram coletados exemplares de avaliações escritas desses professores para análise documental.

3.3. INSTRUMENTOS

Neste trabalho foram utilizados dois instrumentos de pesquisa, sendo eles a entrevista e a análise documental (APÊNDICES A e B).

3.3.1. Entrevista

A técnica de entrevista é de grande valia na área pedagógica, principalmente porque pode fornecer informações sobre as percepções, sentimentos, necessidades etc., enquanto vivenciados pelo próprio entrevistado. De acordo com Turra et al (1985, p.207,209), a entrevista se caracteriza:

Pela forma de relacionamento humano estabelecida: é um contato direto, face a face, entre duas ou mais pessoas. Uma entrevista, conforme sua finalidade, pode ser conduzida com uma orientação diretiva. Fala-se, então, em entrevista estruturada, que se assemelha ao questionário porque se desenvolve com base em perguntas e respostas. Entrevistas estruturadas devem ser cuidadosamente planejadas e as perguntas elaboradas em íntima conexão com os objetivos visados.

3.3.2. Análise Documental

Este recurso é pouco explorado pelos investigadores, no entanto pode se constituir numa técnica valiosa ao trabalhar numa abordagem de dados qualitativos. Nesse contexto Ferreira (2004, p.72) afirma que:

Para alguns, essa técnica apresenta falta de objetividade e validade questionável. Segundo estudiosos no assunto, analisar documentos apresenta-se uma grande riqueza. É uma fonte natural de informações que complementa as que foram obtidas por meio de outras técnicas de coleta de dados.

Assim, na busca da comprovação de dados, essa pesquisa usou mais esse recurso para analisar exemplares de avaliação escrita cedidas pelos professores da rede pública.

3.4. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Esse trabalho foi realizado no ano de 2005, obedecendo às seguintes fases:

30/07 - Delimitação do tema;

- Seleção das obras conforme indicado nas referências.

De 04 à 11/08 – Encontros para estudo e fichamento das obras selecionadas.

De 15 à 25/08 – Fundamentação Teórica.

De 29/08 à 09/09 – Construção dos instrumentos.

De 15 à 23/09 – Aplicação dos instrumentos.

De 01 à 06/10 – Organização, análise e discussão dos dados.

De 08 à 21/10 – Encontro do grupo para estudos e redação final do TCC.

3.5. CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.5.1. Categorias

As categorias selecionadas para esse trabalho foram:

3.5.1.1. Entrevista

- (a) Concepção de Avaliação Escrita
- (b) Elaboração da Avaliação Escrita
- (c) Utilização da avaliação escrita
- (d) Satisfação da utilização da avaliação escrita
- (e) Critérios para correção da avaliação escrita
- (f) Sugestões para Avaliação Escrita

3.5.1.2. Análise Documental

- (a) Coerência ao conteúdo avaliado
- (b) Clareza na elaboração das questões

- (c) Excesso ou não de memorização
- (d) Estrutura na montagem da avaliação escrita

3.5.2. Análise e Discussão dos Dados

3.5.2.1 Caracterização da Clientela

Dos professores entrevistados, 3 (três) são do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino. A faixa etária situa-se entre 31 (trinta e um) a 50 (cinquenta) anos. Todos possuem formação superior voltada especificamente para a área de educação.

3.5.2.2. Entrevista

(a) Concepção de Avaliação Escrita

Professor 1 – “Ela testa a capacidade de interpretação de um comando e de texto dos alunos, tornando um instrumento fundamental para avaliar”.

Professor 2 – “A avaliação escrita é importante e necessária no processo pedagógico para os pais, alunos e professores; é mais um instrumento, basta saber utilizá-lo como ponto de partida e não um fim em si mesmo”.

Professor 3 – “A avaliação escrita apresenta aspectos positivos e negativos na forma de ensinar”.

Professor 4 – “É uma das melhores formas de avaliar, porque na avaliação escrita podemos conhecer o grau de domínio das habilidades e competências apresentadas pelo aluno e ao mesmo tempo reavaliar nossos procedimentos pedagógicos. Estabelecer uma correlação entre ensino-aprendizagem e forma de ensinamento. Se o resultado não for positivo, replanejar nossas ações e executá-las de maneira que o nosso aluno venha a ter êxito naquilo que propomos trabalhar”.

Professor 5 – “É um recurso que ajuda muito na prática pedagógica, mas não conto só com ela, pois o aluno é um ser dotado de emoções e pode ficar nervoso diante da avaliação escrita comprometendo o seu rendimento escolar”.

Dos 5 (cinco) professores entrevistados, 3 (três) entenderam que a avaliação escrita é um instrumento avaliativo importante, porém, não deve ser o único, pois as vezes afeta o emocional do aluno interferindo no resultado.

Nesse sentido, segundo Moretto (2003, p.33) “o momento da avaliação é aquele em que as emoções do aluno entram em ebulição. Nele se misturam sentimentos de ansiedade, medo, angústia, alegria e estresse”.

Portanto, o professor no dia de prova deve atentar-se para o estado emocional do aluno.

Outros 2 (dois) professores, vêem a avaliação escrita como um dos melhores instrumentos avaliativos utilizados para coletar dados do que foi proposto no processo de ensinar.

Nesse sentido, conforme afirma Haydt (1997, p.22) “a avaliação é um processo de coleta e análise de dados, tendo em vista verificar se os objetivos forma atingidos [...]”.

(b) Elaboração da Avaliação Escrita

Professor 1 – “A clareza na linguagem para o que se quer que seja bem entendido”.

Professor 2 – “Minha maior preocupação é dar oportunidade ao aluno à liberdade total de expressão, inclusive de errar sem censura por parte do professor, o erro é instrumento de trabalho e a reavaliação no processo ensino-aprendizagem”.

Professor 3 – “Não ser muito extensa. Vocabulário de fácil entendimento para os alunos”.

Professor 4 – “Dar espaços para que o aluno possa posicionar. Criar situação que envolva respostas abertas, fechadas”.

Professor 5 – “Que seja interessante para o aluno e o que o mesmo consiga entender o que está escrito; assim a avaliação escrita deve ser de maneira clara, contextualizada com a realidade do aluno, para que tenha verdadeiro significado”.

Nessa categoria, 2 (dois) professores ao elaborarem as avaliações preocupam-se em dar espaços para que os alunos possam expressar-se, emitir opiniões e errar, para construção e reconstrução de seus conhecimentos.

Na questão dos erros encontrados nas avaliações, Haydt (1997, p.23) encara com sendo “um caminho para buscar o acerto”.

Segundo a autora, avaliar nesse sentido:

É dinamizar oportunidades de ação e reflexão, num acompanhamento permanente do professor propiciando ao aluno em seu processo de aprendizagem reflexões acerca do mundo, formando indivíduos de opinião e participativos”.(Ibidem).

Já na opinião de outros 3 (três) professores, a avaliação deve ser bem elaborada, apresentando clareza na estruturação e nos enunciados.

Nessa perspectiva, Haydt (1997, p.23) comenta que:

A avaliação escrita tem seu valor desde que sua elaboração seja observada alguns cuidados. Uma vez montada a prova com boa apresentação (sem separação entre enunciado e alternativas, sem erros, satisfatória separação dos itens etc).

(c) Utilização da avaliação escrita

Professor 1 – “Ao final de cada bimestre”.

Professor 2 – “Ao final de cada bimestre”.

Professor 3 – “Quando preciso avaliar questões relativas à escrita, desempenho individual e conteúdos dados bimestralmente”.

Professor 4 – “Faço isso sempre no final do bimestre”.

Professor 5 – “No final do bimestre para ter mais segurança de que os alunos realmente assimilaram as habilidades desenvolvidas durante o processo ensino-aprendizagem”.

Nas respostas apresentadas, foi observado que os 5 (cinco) professores, utilizam a avaliação no final do bimestre para uma melhor verificação da aprendizagem. De acordo com Haydt (1997, p.22):

[...] quando a classe, durante ou ao final de uma unidade de ensino, é submetida a uma avaliação e os alunos apresentam respostas que traduzem um bom nível de aproveitamento, o professor tende a concluir que seus procedimentos de ensino foram adequados.

Caso os resultados não sejam alcançados, o professor precisa reavaliar sua prática pedagógica.

(d) Satisfação da utilização da avaliação escrita

Professor 1 – “Atualmente não, porque os alunos não se preocupam com o que está sendo pedido nas questões e às vezes chutam qualquer resposta”.

Professor 2 – “Sim, porque toda avaliação aplicada é de acordo com a minha prática; é um ponto de partida. Faço um mapa de aluno por aluno do que sabe e do que não sabe, assim trabalho as dificuldades apresentadas por ele, nas intervenções em sala de aula e nas aulas de reforço”.

Professor 3 – “Sim, é um dos meios que uso, mas não é o único”.

Professor 4 – “Sim, porque só há aprendizagem quando há crescimento. Se na avaliação escrita o aluno for reprovado, é também fracasso do meu trabalho; no entanto, ela serve como referência para o meu trabalho pedagógico que executo e permite perceber quando é necessário mudar”.

Professor 5 – “Sim, visto que as turmas estão sempre cheias, é necessário um momento mais individual para avaliar o aluno; além disso, na avaliação escrita é possível observar detalhes que de outra forma não seria possível”.

De acordo com as respostas dadas, 4 (quatro) professores estão satisfeitos com a avaliação escrita, porque é um momento do professor conhecer melhor o nível individual do aluno.

Sobre esse aspecto, na visão de Haydt (1997) “as tradicionais provas escritas ainda devem ser um recurso usado pelo professor, por se tratar de um instrumento utilizado para conhecer de forma mais individual o aluno em seu processo de aprendizagem”.

O quinto professor não demonstrou satisfação com a utilização da avaliação escrita, por julgar que a mesma não atende às expectativas dos alunos.

Nessa reflexão, Ferreira (2004, p.39), argumenta que:

Com a frequência e como o tema vem sendo abordado, notamos que há uma inquietação e uma insatisfação com o que vem ocorrendo no contexto escolar, em função dos componentes do processo ensino-aprendizagem (objetivos, conteúdo e metodologia), com reflexo direto no processo de avaliação e quanto aos conflitos e tensões gerados por um processo avaliativo desvirtuado, que incide diretamente sobre o fracasso escolar.

(e) Critérios para correção da avaliação escrita

Professor 1 – “A capacidade de interpretar e relacionar com a vivência do aluno”.

Professor 2 – “Os critérios passam pela idéia da demonstração das informações e intervenções realizadas. Exemplifico com a classificação quanto ao número de sílabas com a palavra passarinho: o aluno pode escrever a classificação de várias formas, mas o conceito estando certo...”

Professor 3 – “Capacidade de interpretação, raciocínio lógico”.

Professor 4 – “Bom. O meu objetivo nas avaliações é: verificar o que o aluno é capaz de perceber, interpretar e reinventar, partindo dos erros como princípio de acerto”.

Professor 5 – “Depende do objetivo e da habilidade; as avaliações são elaboradas para um determinado fim e a correção será de acordo com os critérios estabelecidos na elaboração”.

Para os 3 (três) dos professores entrevistados, os critérios usados na correção dessas avaliações estão pautadas na capacidade de interpretar o que foi pedido e no raciocínio lógico. Nesse sentido, segundo Méndez (2002):

Cabe à avaliação a função de fornecer aos professores informações sobre como está ocorrendo a aprendizagem: os conhecimentos adquiridos, os raciocínios desenvolvidos, as crenças, hábitos e valores incorporados, o domínio de certas estratégias, para que ele possa propor revisões e reelaborações de conceitos e procedimentos ainda parcialmente consolidados.

Na visão de 2 (dois) professores, os critérios usados estão relacionados com os objetivos alcançados em cada etapa das habilidades desenvolvidas.

Isso é mencionado por Moretto (2003, p.96) quando afirma que “[...] ao elaborar provas, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes”.

(f) Sugestões para Avaliação Escrita

Professor 1 – “Aplicar avaliações contextualizadas; respeitar as idéias do aluno; proporcionar um ambiente agradável”.

Professor 2 – “Deve ser contextualizada; que tenha um fácil entendimento pelos alunos, sem usar ‘peguinhas’ com dupla interpretação; usar como instrumento avaliativo tanto para o aluno como para o professor”.

Professor 3 – “Elaborar as avaliações de forma que o aluno entenda o enunciado das questões; aproveitar o raciocínio do aluno diante do que foi estudado e pedido na avaliação”.

Professor 4 – “Mostrar o momento exato de replanejar uma ação pedagógica quando os objetivos não são atingidos; permitir avaliar os dois sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem”.

Professor 5 – “A elaboração deve ser contextualizada e de forma legível; não assustar os alunos como se a avaliação escrita fosse um ‘bicho de sete-cabeças’; levar em conta o estado emocional do aluno”.

Quanto às sugestões listadas pelos 5 (cinco) professores, as mesmas devem estar voltadas para avaliações contextualizadas; ser de fácil entendimento para os alunos, evitando-se dupla interpretação; levar em conta o emocional do aluno; valorizar na medida do possível a opinião do educando; e usar a avaliação como um instrumento para melhorar a prática pedagógica do professor e a aprendizagem do aluno.

No aspecto da contextualização e cuidados na elaboração da avaliação Joullié e Reis (1984, p.132), citam que “é importante ter em mente, sempre, o que se deseja realmente verificar, evitando que quaisquer dúvidas ou embaraços venham a prejudicar o desempenho do aluno e em consequência, ofereçam informações inexatas ou distorcidas”.

Sobre a avaliação relacionada ao estado emocional do aluno, Moretto (2003, p.33) comenta que “o momento da avaliação é aquele em que as emoções do aluno entram em ebulição. Nele se misturam sentimentos de ansiedade, medo, angústia, alegria e estresse”.

Na concepção de valorizar as idéias do aluno, Haydt (1997) afirma que:

Avaliar é dinamizar oportunidades de ação e reflexão, num acompanhamento permanente do professor propiciando ao aluno em seu processo de aprendizagem reflexões acerca do mundo, formando indivíduos de opinião e participativos.

Numa perspectiva de utilizar a avaliação como instrumento de mudança na prática pedagógica do professor e reconstrução de conhecimentos por parte do aluno, Zabala (1998, p.207) comenta que:

A avaliação permite verificar diretamente o nível de aprendizagem dos alunos, ela permite também, determinar a qualidade do processo de ensino. Nesse sentido, a avaliação fornece dados ao professor para replanejar seu trabalho docente, ajudando-o a melhorar o processo ensino-aprendizagem.

3.5.2.3. Análise Documental

(a) Coerência ao conteúdo avaliado

Das avaliações analisadas, nos instrumentos de avaliação dos professores, 4 (quatro) apresentaram coerência ao conteúdo aplicado, enquanto que a 5ª (quinta) avaliação observada, fugiu totalmente do padrão analisado.

Nesse sentido, Moretto (2003, p.96), cita que “se tivermos que elaborar provas, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes”.

Com esse pensamento, o professor deve atentar-se para aplicar provas coerentes ao conteúdo estudado.

(b) Clareza na elaboração das questões

Nessa categoria, em 3 (três) avaliações analisadas encontrou-se clareza na sua elaboração; no entanto, 2 (duas) avaliações apresentaram falhas quanto ao sentido claro da questão.

No aspecto de elaborar provas que transmitam clareza no seu enunciado, Joullié e Reis (1984, p. 132), mencionam que:

É importante ter em mente, sempre, o que se deseja realmente verificar, evitando que quaisquer dúvidas ou embaraços venham a prejudicar o desempenho do aluno e em consequência, ofereçam informações inexatas ou distorcidas.

Com essa reflexão, cabe ao professor preocupar-se em elaborar com clareza as suas avaliações, para que seja de fácil entendimento.

(c) Excesso ou não de memorização

Das 5 (cinco) avaliações analisadas, 4 (quatro) apresentaram excesso de memorização, exigindo do aluno respostas fechadas. No entanto, em 1 (uma) avaliação as respostas foram de caráter subjetivo.

Nessa abordagem, Haydt (1997, p.22), comenta que:

É preciso repensar certas idéias predominantes sobre o significado da avaliação, aquelas que concebem como prioritário avaliar apenas se os alunos memorizam as regras e esquemas, não verificando a compreensão dos conceitos, o desenvolvimento de atitudes e procedimentos e a criatividade nas soluções, que, por sua vez, se refletem nas possibilidades de enfrentar situações-problema e resolvê-las.

(d) Estrutura na montagem da avaliação escrita

De acordo com todas as avaliações analisadas, percebeu-se, em sua estrutura de montagem, excesso de questões, enunciados tendo início em uma página e continuando na outra e pouco espaço para as respostas.

Sobre a estruturação na montagem da avaliação escrita, Joullié e Reis (1984, p.132), afirma que:

No tocante à apresentação, é evitar que um item se inicie numa página e continue na página seguinte. As idas e vindas na leitura que advêm desta situação dispersam, também, a atenção do aluno, sendo-lhe altamente prejudicial.

Nessa visão, ao estruturar a montagem de uma avaliação escrita, o educador precisa evitar, inúmeras questões, comandos incompletos numa mesma página e levar em conta o espaçamento adequado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do curso, este grupo sabia que teria que fazer um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); em seu término. Na trajetória do curso, era sempre mencionada essa atividade, com incertezas na escolha do tema, apreensões e preocupações que foram multiplicando-se com o passar dos dias.

Entre os vários tópicos sugeridos, optou-se por uma pesquisa qualitativa voltada para a importância da avaliação escrita como instrumento de contribuição para os professores da rede pública do Distrito Federal.

Consciente de que o tema é bastante polêmico e criticado por educadores como forma de avaliar, enfrentou-se muitos desafios e até mesmo críticas com o intuito de desanimar este grupo.

Entretanto, a posição já estava firmemente determinada. Com esse pensamento positivo, procurou-se organizar o tempo de estudo pessoal e coletivo e os locais de encontro para as discussões, organização das idéias e elaboração da pesquisa passo a passo.

Apesar da distância em que cada membro do grupo mora em relação ao outro, tal fato não se apresentou como empecilho para o andamento dos estudos. Durante a exposição das opiniões, quando talvez por um motivo ou outro os ânimos começavam a se exaltar, um membro do grupo tentava acalmar a situação e assim o trabalho continuava de modo tranquilo.

Conhecer os posicionamentos de vários teóricos relacionados ao tema, trouxe um ganho de conhecimento muito significativo para o grupo.

Constatou-se, por meio das entrevistas e pela análise documental, que a avaliação escrita é um instrumento utilizado pela maioria dos professores, precisando, porém, ser mais bem elaborada, apresentando clareza, coerência e contextualização com a realidade vivenciada pelo aluno.

Refletiu-se, também, que a avaliação escrita não deve ser o único instrumento de avaliação, pois o aluno é um ser particular, dotado de sentimentos e emoções que podem ser alteradas positivamente ou negativamente no momento avaliativo.

Aprendeu-se a repensar a avaliação como atitude constante no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que auxilia o aluno a aprender e o professor a ensinar. Nesse contexto, entendeu-se que a avaliação deve ter caráter formativo e processual, ou seja, ser constante e durante toda a escolaridade.

Percebeu-se, ainda, que a fala dos professores nas entrevistas, não condiz totalmente com a realidade mostrada nas avaliações utilizadas por esses educadores, especificamente no que diz respeito aos itens que devem ser observados no momento da sua elaboração.

É com prazer e satisfação que se conclui esse trabalho, estando certo de que a caminhada não terminou, pois, como educadores, precisa-se acompanhar o avanço dos conhecimentos e das tecnologias para o crescimento profissional e aperfeiçoamento à prática pedagógica.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação. **Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal** – Ensino Fundamental 1ª a 4ª série. Brasília, MEC/SEF, 2000.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Brasília: Congresso Nacional, 2004.**

FERREIRA, Lucinete. **Retratos da Avaliação** – Conflitos, desvirtuamentos e caminhos para a superação 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2004. p 10-32.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem** 6.ed. São Paulo: Ática, 1997. p 22.

JOULLIÉ, Vera; REIS, Ângela. **Didática Geral através de módulos instrucionais** 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p 132-133.

MÉNDEZ, J.M.A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Trad. Magda S. Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORETTO, Vasco Pedro. **PROVA um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SCRIVEN, Michael. **Avaliação educacional II: perspectivas, procedimentos e alternativas**. Petrópolis, Vozes, 1978.

TURRA, Clódia; ERICONE, Délcia; SANT'ANNA, Flávia Maria; André, Lenir. **Planejamento de ensino e avaliação**. 10.ed. Porto Alegre, SAGRA, 1982.

TYLER, Ralph W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Porto Alegre, Globo, 1974.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10
NOME DO ENTREVISTADOR (A) _____
DATA: ____/____/____

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O TEMA
A AVALIAÇÃO ESCRITA NA REDE PÚBLICA: CONTRIBUIÇÃO À
APRENDIZAGEM**

ESTABELECIMENTO DE ENSINO: _____
SEXO: () FEMININO () MASCULINO
FORMAÇÃO: _____
TEMPO DE MAGISTÉRIO: _____
FAIXA ETÁRIA: () ATÉ 30 ANOS
 () DE 31 A 50 ANOS
 () ACIMA DE 51 ANOS

1- Qual a sua opinião sobre a avaliação escrita?

2- Quais as suas preocupações ao elaborar a sua avaliação escrita?

3- Quando você utiliza a avaliação escrita?

4- Você está satisfeito (a) com a utilização da avaliação escrita? Por quê?

5- Que critérios você usa para a correção das avaliações?

6- Que sugestões você teria para fazer a outros professores quanto à utilização da avaliação escrita?

APÊNDICE B

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE

CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

NOME DO AVALIADOR (A) _____

DATA: ____/____/____

ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE O TEMA A AVALIAÇÃO ESCRITA NA REDE PÚBLICA: CONTRIBUIÇÃO À APRENDIZAGEM

- (1) Coerência da questão ao conteúdo avaliado.
- (2) Clareza na elaboração das questões.
- (3) Excesso ou não de memorização de datas, fórmulas etc.
- (4) Estrutura na montagem da avaliação escrita.

